

A história de **LEITAU** "Estrela"
da equipa do Oriental



DEPOSITO LEITAU



CRÓNICA
Desportiva
N. 28

20 - OUTUBRO - 1957
Preço -- 1\$50

AS CAPAS DESTA REVISTA SÃO
REPRODUÇÃO FOTOLITOGRAFICA
E IMPRESSÃO OFFSET DA
FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.

RUA DA ROSA, 273 E 277 LISBOA TELEF. 20958

IRÁ OFICIALIZAR-SE O FUTEBOL FEMININO NA ALEMANHA?

O futebol praticado por mulheres (entre nós muito raramente) só se joga por brincadeira — e, na maioria dos casos, para fins de beneficência.

O mesmo não está a acontecer presentemente na Alemanha Ocidental, e em especial, na região industrial do Ruhr, que se está a tornar o maior centro europeu de futebol feminino. Em Essen, por exemplo, o GRUCA F. C., orgulha-se de ser a primeira daquelas turmas a ter um regular calendário de jogos e de se deslocar com frequência à Austria e à Holanda onde os seus encontros têm sido presenciados por mais de 10.000 assistentes.

Outra equipa feminina é a Dortmund F. C. Por vezes, as componentes das equipas formam um misto para tornar o «onze» mais forte, o que proporciona lutas mais renhidas, e com elas o aumento das receitas. Mas o futebol feminino alemão não se confina apenas aos jogos entre grupos nacionais.

Em Munique a selecção da Alemanha Ocidental derrotou a dos Países-Baixos por 4-2 e em Estugarda empatou com a inglesa por 1-1.

O movimento atingiu tais proporções que o JAHN F. C., de Rogesburg, na Bavaria, (grupo masculino da II Divisão) organizou também uma secção de futebol feminino e as raparigas que nela se inscreveram estão a ser treinadas pelo antigo internacional austriaco Josef Uridie. Porém, sempre que as mulheres têm tentado a oficialização dos seus jogos, esbarram com forte oposição dos dirigentes masculinos. Estes alegam ser o futebol um jogo duro e viril e não estar a complexão física das mulheres (como sucede aos homens) formada para suportar a dureza do jogo — que é, afinal, um dos seus melhores atractivos. Todavia, as sufragistas do futebol feminino não desarmam e quando do encontro internacional de Munique, que teve a presença do vice-presidente da União do futebol germânico (sr. Hans Huber) os dirigentes aproveitaram o ensejo para insistir no pedido do reconhecimento oficial em futuro próximo dos grupos femininos. Em resposta o sr. Hans disse: «A União vai interessar-se pelo caso.

Uma das dirigentes declarou: «As mulheres intervêm hoje em modalidades desportivas que há cinquenta anos talvez fossem impossíveis ou mesmo vergonhosas para elas. Os homens que em nossos dias se opõem ao reconhecimento oficial do futebol feminino são tão «botas-de-elástico» como aqueles que no princípio do século se opuseram a que a mulher compartilhasse com o homem dos prazeres e benefícios do Desporto... e do Ar-Livre...»



Uma imagem do jogo entre as selecções da Alemanha Ocidental e da Holanda, em que Maanen, guarda-redes holandesa vai bloquear a bola que uma adversária tenta desviar.



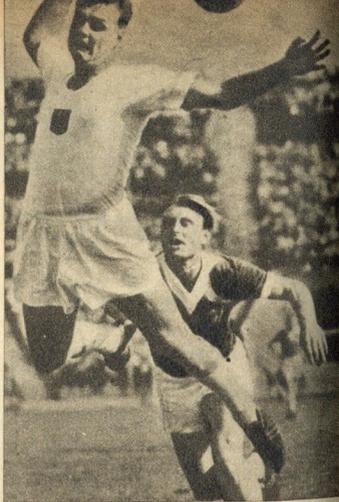
TORNADO

eis a definição alemã do estilo do seu próprio Andebol

A Alemanha possui actualmente duas equipas de andebol de grande categoria internacional, que são as suas próprias selecções nacionais — a da zona Ocidental e Oriental. Num encontro efectuado não há muito os «alemães-ocidentais» bateram os seus compatriotas «orientais» por 19-14, depois de luta em que o nível técnico foi elevadíssimo.

O estilo turbilhão das duas equipas, é designado, na própria imprensa alemã, por «tornado»!

O avançado-centro «ocidental», Robert Will justifica o epíteto, pois é um jogador diabólicamente dinâmico, como mostra a foto. São «pedradas» que saem das suas mãos!



Ginástica no alto-mar

Toda a beleza do desporto gínico transparece neste magnífico instante, em que dois tripulantes fazem prodígios de equilíbrio para manter a estabilidade do barco. A perspectiva de um banho forçado é coisa que não anda longe, a avaliar pela indumentária da senhora...



O «cinéfilo» Alves Barbosa e a actriz Elita Martos

Afinal o filme em que Alves Barbosa é o principal protagonista já não se denominará «Prémio da Montanha», mas, sim, «O Homem do Dia».

Como se sabe, Henrique Campos dirige a filmagem, e a película (em magnascope) tem ainda a colaboração dos actores Costinha, Raul Solnado, Jacinto Ramos — e da actriz Elita Martos, que se vê junto de Alves Barbosa, por ocasião de uma visita que o ciclista fez aos estúdios da Tóbis.



UMA NOVIDADE

FUTEBOL DE MESA

Está agora em voga na Alemanha um novo jogo de futebol de mesa, que desperta bastante interesse. As pedras, significando os jogadores, movem-se, como no xadrez e há também uma bolinha para fazer golos...



VICTOR GUILHAR

que veio de S. Tomé e que tardou a fixar-se no F. C. Porto

Foi em 4 de Junho de 1950 que Victor Augusto da Veiga Guilhar, efectuou a sua festa de despedida.

Tendo nascido em Trindade, Ilha de S. Tomé, a 12 de Outubro de 1913, cedo veio para o continente e cedo também se lhe inoculou o virus do futebol. Depois dos jogos de brincadeira, Guilhar começou a sério por infantis do F. C. Porto. Foi no dia 3 de Fevereiro de 1929, no campo da Constituição, que Guilhar se estreou, defrontando os infantis do Salgueiros.

Depois, a vida levou uma volta... e Guilhar, em 31/32, apareceu a defender o União de Paredes, donde transitou para o Boavista. Neste permaneceu durante as épocas de 33/34 e 34/35. Não era, porém, aquele clube por que ansiava, e, assim, novo salto se registou na carreira do atleta de S. Tomé. Em 34/35 ingressou no S. C. Mirandela, para, na época imediata, voltar enfim ao seu primeiro amor. De 36/37 a 48/49, o F. C. Porto foi o seu clube. Até se despedir do futebol. Nos «azuis e brancos» conquistou títulos regionais, a liga e Taça de Portugal. Durante alguns anos capitaneou o «time» norte-nho e foi suplente da selecção contra a Irlanda em Dublin. Contra a Espanha, em Bilbao, e Suíça, em Lisboa, foi efectivo. No palmarés de Guilhar existe também um jogo inesquecível: O do Vitória do Porto contra o Valência no Campo do Restelo.

Jogador muito correcto, mas barreira difícil de transpor, ainda hoje é recordado e elogiado pelos avançados-centro do seu tempo.



Guilhar e Espírito Santo propiciaram duelos muito interessantes e de resultados variáveis.



Contra o Sporting, repelindo a bola para longe

O poder de elevação de Guilhar é patente nesta foto.



EM CIMA: No emprego.



A DIREITA: Nas Salésias onde costumava jogar bem.

EM BAIXO: A certeza de despacho era um dos trunfos de Vitor Guilhar.





COM TODA A GANA...

Raramente se consegue focar um instantâneo que retrate também um pontapé dado com gana. Para maior impulsão, este jogador deu ao corpo, da direita para a meia-esquerda, um forte torsão, braços abertos a procurarem o equilíbrio, pois o remate é dado no momento em que se eleva acima do nível do «gramado». A perna direita, como um aríete, descreveu a meia volta que o braço do mesmo lado parece indicar e quando o pé tocou a bola despedia dinamite.

Nem falta a língua de fora para atestar a gana com esse remate foi aplicado!

GRAÇAS A DEUS POR UMA VITÓRIA...

O atleta americano Josh Culbreath quando, em Oslo, durante um torneio internacional de atletismo bateu o «record» do mundo nas 440 jardas-barreiras, correndo a distância em 50 s. e $\frac{3}{10}$, ao ouvir anunciar a sua vitória, espontaneamente se prostou em oração de agradecimento ao Todo Poderoso.

Para além da mística religiosa, que drama íntimo se terá dado no ânimo do valoroso atleta norte-americano?



O ATLETISMO POLACO EM FRANCO PROGRESSO

É sabido de todos que os escoceses possuem algumas «especialidades» desportivas muito antigas, por eles conservadas com orgulhoso tradicionalismo.

É isso que dá origem, todos os anos, aos Jogos Escoceses.

Este colosso, com o traje tradicional do país, chama-se Jack Hunter e é nautgál de Dunecht.

Ei-lo no momento em que saía vencedor do lançamento da pedra.

Desconhecemos se Jack Hunter tentou já o peso...

PARTICULARISMO ESCOCÊS



Por toda uma série de «perfumances» variadas, os polacos têm mostrado esta época os progressos extraordinários do seu atletismo.

Um número elevado de atletas tem, com efeito, provado, através de provas disputadas em diversas pistas da Europa, que a Polónia explodiu... em atletismo.

A sua vitória sobre a Grã-Bretanha foi a mais firme confirmação desse progresso atrás citado. E graças a isso pode hoje dizer-se, sem receio de desmentido, que o atletismo polaco ocupa hoje, na Europa, o segundo lugar, na escala de valores globais, logo a seguir ao da U. R. S. S.

Este lançador de disco é Piatkowski, que bateu o record polaco do disco, ao atingir 54m 67.

SABE QUE
EQUIPA
É ESTA ?



Barbosa, Carlos Silva, Moreira, Miguel Arcanjo, Octávio Sá, Vicente; Rocha, Perides, José Augusto, Pompeu e Hernâni — já alguma vez os viu jogar juntos, prezado leitor? Não, não pode ter visto, a menos que estivesse, nessa altura em Onde, leitor? De que equipa se trata afinal? Resposta na página 13.

ELE QUER DEFRONTAR
HUMEZ NOVAMENTE



Este jovem pugilista britânico é Pat Mac Ateer, que recentemente lutou para o título de campeão da Grã-Bretanha e Império, batendo facilmente o seu challenger, Martin Hansen.

Pat Mac Ateer, apresenta-se como a grande esperança do boxe inglês. Já os seus compatriotas começam a sonhar com os seus próximos êxitos. E ele mesmo, confiante, está animado em chegar longe.

Para isso, exprimiu o desejo de combater uma vez mais contra o francês Charles Humez, pelo qual já foi vencido. no desejo de chamar a si o título europeu dos médios.

SUPREMACIA

dos negros americanos no "estrelato" do boxe



Este é Ingemar Johnsson, o único «pesado» europeu que figura na lista dos dez melhores pugilistas da actualidade, na sua categoria.



Segundo a revista «Ring» — uma autoridade em matéria de pugilismo — os onze melhores «pesados» do Mundo são os seguintes:

- 1.º — Floyd Patterson — E. U. A. (negro).
- 2.º — Tommy Jackson — E. U. A. (negro).
- 3.º — Eddie Machen — E. U. A. (negro).
- 4.º — Archie Moore — E. U. A. (negro).
- 5.º — Willie Pastrano — E. U. A. (branco).
- 6.º — Zora Folley — E. U. A. (negro).
- 7.º — Roy Harris — E. U. A. (branco).
- 8.º — Nino Valdes — Cuba (negro).
- 9.º — Bob Sa Herfield — E. U. A. (negro).
- 10.º — Ingemar Johnsson — Suécia (branco).
- 11.º — Pat. Mc. Murtry — E. U. A. (negro).

É evidente a supremacia dos negros e americanos. O melhor pugilista branco é Willie Pastrano, também norte-americano, e está cotado em 5.º lugar da lista.

A raça negra tem mostrado ser mais predestinada para o rude desporto do soco, pois desde Max Schmeling nunca mais houve um campeão mundial dos «pesados» de tez clara. O antigo gigante de ébano, Jack Jonsson, José Louis, Walcott e ultimamente Floyd Patterson, actual detentor do título máximo, atestam a asserção.

A ESQUERDA: Floyd Patterson, campeão mundial dos «pesados»



Peter Rademacher, o campeão olímpico, que ousou enfrentar os punhos poderosos do campeão absoluto do pugilismo, Patterson, não figura na tabela elaborada, em Agosto, pela revista «Ring».

Palavras cruzadas

(PALAVRAS DE QUATRO LETRAS)

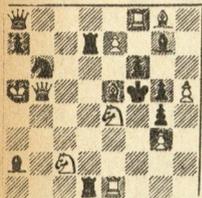
Horizontais — 1 — Jogador do Lusitano; jogador do Atlético. 2 — Jogador do V. Guimarães; irritar. 3 — Caminharia; fronteira. 4 — Camareiras; adoram. 6 — Moluscos gasterópode univalve que adere aos rochedos; «belenense». 7 — Fileiras; antigo internacional do Estoril. 8 — Jogador da C.U.F.; substância que tinge de azul. 9 — Épocas; insecto ortóptero semelhante ao grilo.

Verticais — 1 — Jogador do Barreirense; futebolista ultramarino várias vezes convidado para vir para a Metrópole e que sempre recusou. 2 — Descerrei; subir. 3 — Soletre; maçagista dum clube da 1.ª Divisão. 4 — Pron. pess. pl.; planos do avião. 6 — Faixa; gostar. 7 — Rezam; área de terreno. 8 — Apellido do presidente eleito da F. P. F.; proveitoso. 9 — Existiam; jogador do Salgueiros.

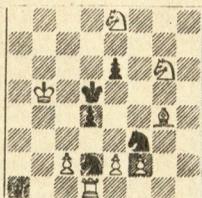
★	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1									
2									
3									
4									
5									
6									
7									
8									
9									

Xadrez

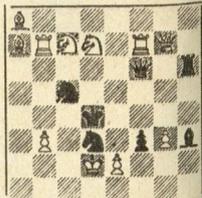
Seis problemas temáticos Mate em dois lances



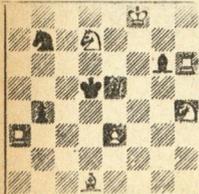
A. G. Stubbs



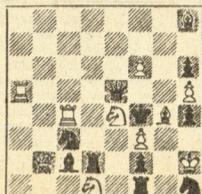
G. Guidelli



A. C. White



W. Shinkman



C. Vaughan



C. Vaughan

ZATOPEK

não desarma...

O prestigioso atleta checoslovaco Emile Zatopek já não é hoje — a idade e os esforços não perdoam — o homem irresistível de outras épocas, a vedeta principal do atletismo mundial.

Apesar de tudo, o «expresso» de Praga não desarma e sempre que pode lá está, na primeira linha, a tentar renovar os seus êxitos.

Batê-lo, continua a não ser nada fácil.

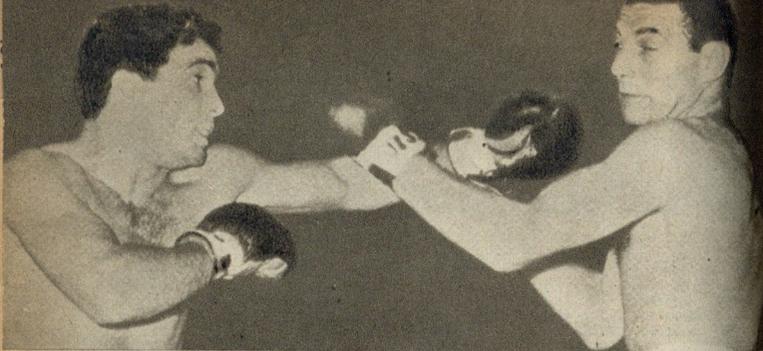
Recentemente, em Solingen, o alemão Shade fez melhor tempo do que Zatopek: 29 m 37 s nos 10 mil metros. Um tempo que não está, na realidade ao alcance de qualquer.

Apesar de tudo, Zatopek, bom desportista, não esmoreceu. O seu entusiasmo mantém-se vivo, as suas qualidades inalteráveis. Isto é o Desporto!



Schade Júnior ajuda o pai

O «fundista» alemão Schade tem no seu filho um precioso ajudante para as operações em pista. É ele que lhe guarda o fato de treinos e transporta o saco com reconstituintes. E assim o pequeno Schade vai-se enforcando no atletismo...



LOÏ soma e segue...

O campeão europeu dos ligeiros, o italiano Duilio Loï, deu há um mês, em Milão, a **chance** ao francês Félix Chiocca.

Este, mau grado o seu brio e a sua reconhecida classe, não pôde, no entanto, des-
tronar o transalpino.

Aliás, Duilio Loï, que nos aparece aqui frente a Belotti, (à esquerda) demonstrara já, claramente, a excelência da sua forma. As suas magnificas qualidades continuam in-
tactas.

Na sua estrada, está longe o homem com quem se há-de cruzar para perder.

Loï continua, portanto, senhor do seu palanque.

Os talentos de Stirling Moss



O famoso campeão automo-
bilístico, Stirling Moss, conti-
nua a distinguir-se. Há pou-
cas semanas saiu vencedor do
«Grande Prémio de Itália»,
batendo o não menos famoso
Fangio. Foi o mais belo pré-
mio que ele colocou na cor-
beille de casamento da sua
noiva, Katleen, hoje já sua
esposa, pois o noivado cele-
brou-se há pouco.

Os talentos de Stirling Moss
não dizem, todavia, apenas
respeito ao automobilismo e...
ao amor. Moss é também um
excelente fotógrafo. Ei-lo pa-
trografando o encantador par
formado por Ken Gregory, se-
cretário da Federação dos
Desportos mecânicos e Ann
Tyrell.

Esta semana fazem anos...

Para esta semana anotamos apenas os seguintes aniversariantes, entre os jogado-
res que disputam o campeonato de futebol da I Divisão:

José Maria de Carvalho Pedrote, natural de Almacave (Lamego), onde nasceu em
21 de Outubro de 1928. Completa, pois, 29 anos, amanhã, segunda-feira. É internacional
e dos mais valorosos. Representou os seguintes clubes: 1945-46 a 48-49 — Leixões S. C.;
49-50 — Lusitano F. C. (Vila Real de Santo António), 1950-51 e 51-52 — Belenenses.
Desde 1952-53 — F. C. Porto.

Rui Pedro Gomes, nasceu em Luanda em 23 de Outubro de 1927. Na quarta-feira
completa 30 anos, pois. Clubes representados: F. C. Luanda, 1942-43 e 43-44; Benfica,
1950-51 (não há registo na F. P. F. da sua actividade intermédia — 44-45 a 49-50);
Juventude, em 53-54; G. D. Cuf, desde 1954-55.

Na quinta-feira, festejam o aniversário dois jovens «bracarense» — um genuíno,
outro de «importação»:

Armando Fernandes Costa, nasceu em Braga, em 24 de Outubro de 1931, pelo que
faz 26 anos. Joga no Sporting de Braga desde 1948-49, à excepção da época de 53-54,
em que alinhou no F. C. Braga.

**Rafael António Fer-
nandes**, nasceu em Bis-
sau, em 24 de Outubro
de 1935, pelo que com-
pleta 22 anos, apenas.
Oficialmente só jogou no
Sp. Braga, desde 1955-56.



Soluções dos passatempos deste número

- PALAVRAS CRUZADAS** — **Horizontais** — 1. Falé, Tomé; 2. Abel, irar; 3. Iria, raia;
4. Aias, amam; 6. Lapa, azul; 7. Alas, Mota; 8. Gama, anil; 9. Eras, ralo. **Verticais** —
1. Faia, Lage; 2. Abri, alar; 3. Leia, Pama; 4. Elas, asas; 6. Tira, amar; 7. Oram, zona;
8. Maia, útil; 9. Eram, falo.

XADREZ — 1. C x P +; 2. Dd3 +; 3. Tb5 +; 4. Pe4 +; 5. B x P +; 6. Pe4 +.

FOTO ENIGMA — Selecção militar em Lourenço Marques.

Quando os futebolistas VOAM..



O futebol é um jogo particularmente espectacular residindo nessa faceta quota-parte importante da atracção que exerce nas massas. As atitudes atléticas invulgares, como seja o «voo» dos jogadores entusiasmam os adeptos. E não só os guarda-redes voam, como veremos nestas páginas.

Eis alguns sugestivos «instantâneos» subordinados ao título acima:



A objectiva feliz de um fotógrafo francês colheu este magnífico instantâneo no encontro Girondins de Bordéus-Sète.

O guarda-redes saiu da baliza em voo — e pode ver-se que ainda não aterrou — e captou a bola.

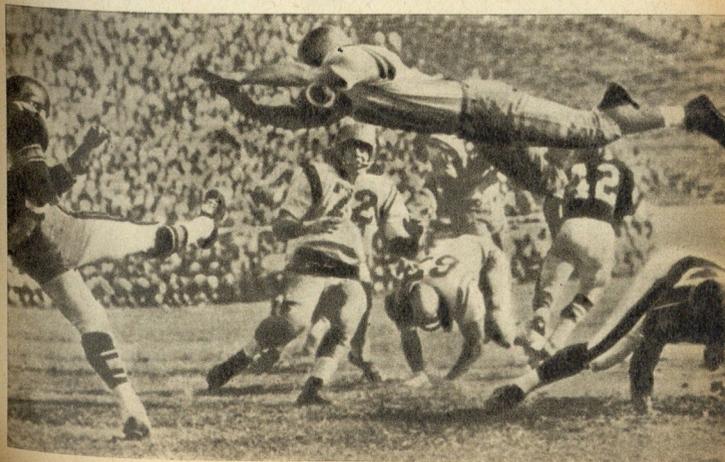
Em corrida, o avançado girondino Unzain teve a presença de espírito precisa para se lembrar que o adversário estava em perigo e que dele dependia, talvez, dar-se ou não um acidente. Por isso pulou também, oferecendo-nos esta magnífica imagem, bela pelo espectáculo que mostra e pelo desportivismo que encerra.



Nesta, o «voo» é menos elegante. Há um pé em riste que pode fazer massa... Bom, o salto do guarda-redes encoberto.



Para terminar, eis uma fase do parente afastado do nosso futebol, que é o futebol-americano. A foto dispensa comentários...



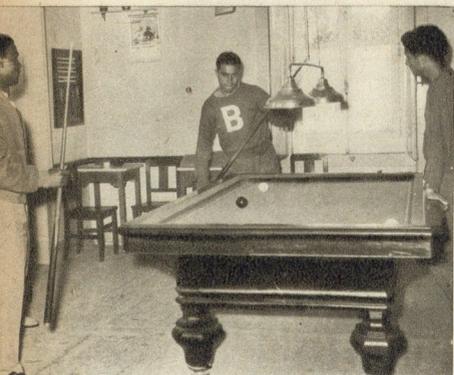
Eis o nosso Bentes, que não encontrou outra maneira mais eficaz de desarmar o sportinguista Caldeira do que este dinâmico processo de levar a bola.



Guarda-redes bem dispostos

A vida dos guarda-redes é das mais ingratas entre quantos se dedicam ao futebol. Treinam mais tempo que os outros (depois do treino de conjunto, têm sempre de suar um bocadinho a defender remates sucessivos); têm mais responsabilidade no jogo, pois a mínima desatenção pode custar um golo; estão mais sujeitos a lesões, enfim, são os mais sacrificados. É curioso verificar que os rapazes da baliza são em geral os mais folgazões também.

Eis algumas imagens elucidativas:



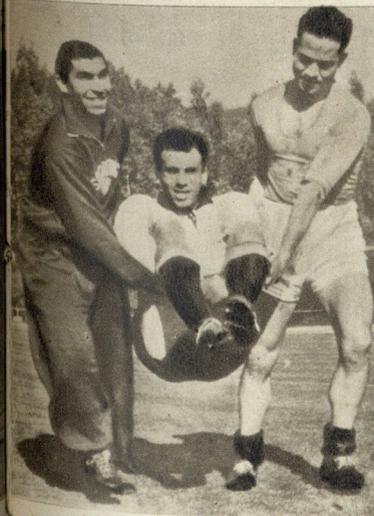
José Pereira prefere mostrar as suas habilidades «extra-baliseiras» no bilhar...



Bastos «ensina» Carlos Gomes como um guarda-redes deve arrebatar a bola dos pés dum atacante. É claro que ele exagerou o salto de peixe!



... E Carlos Gomes «ensina» como se fende de pernas para o ar, «estilo cleta»...



Novamente, Carlos Gomes na brincadeira — aqui, no balaço dos braços de Travassos e Artur.



A Pinho atacou a febre das cambalhotas. Os colegas auguram-lhe bom futuro no Coliseu...



Costa Pereira não quer sujar-se e remove a lama pegajosa que se espalhava no sítio para onde justamente os brincalhões dos colegas rematavam mais vezes...



Os chineses também jogam o basquetebol

A China aparece agora, com frequência, nas actividades do desporto internacional, disposta a marcar posição de relevo.

Nos recentes jogos Universitários disputados em Paris, a China esteve presente com a sua jovem equipa de basquetebol. Os novatos chineses classificaram-se em quinto lugar, depois de terem demonstrado uma classe real e feito apanágio de qualidades inatas para a modalidade.

Se a maioria dos jogadores não attingia 1 m. 80 cm. de altura, (os chineses são geralmente baixos), a sua rapidez de execução, a subtilidade no jogo, passes e as suas «fintas» deixaram Paris maravilhada.

Apreciem-se, agora, os seus nomes: Chen Wu, Wang, Chou, Hsich, Chang Sahen Yan, Chang-Hung To, Chia, Yang Chu e Shao.



NOVO RECORDE DA EUROPA EM TRIPLO SALTO

No belo documento fotográfico que publicamos admire-se o estilo perfeito de um dos melhores especialistas mundiais do triplo-salto, o russo Leonid Scherbakov, que neste salto estabeleceu novo «record» da Europa ultrapassando 16 m. e 46 cm. Os fotógrafos e jornalistas seguem interessados os pormenores do salto de Scherbakov.

O desporto aperfeiçoa a linha...



Logo uma mulher desportista tem meio caminho andado para aperfeiçoar naturalmente a sua linha estética. Tal é a opinião de «Miss Berlin», que se vê jogando o ténis, com uma elegância capaz de fazer inveja ao mais consumado «mahequim»...

Compartilha da mesma opinião a bela nadadora inglesa Judy Hoyle, que conta apenas 18 anos de idade. Basta olhá-las para darmos inteira razão a quem preconiza o desporto como terapêutica natural da elegância estética feminina.



**DA HISTÓRIA
DOS JOGOS
BENFICA ACADÉMICA**

AS CAPAS NEGRAS esvoaçam de novo no Estádio da Luz mas não se prevê "partida" igual à da Taça de 1939...

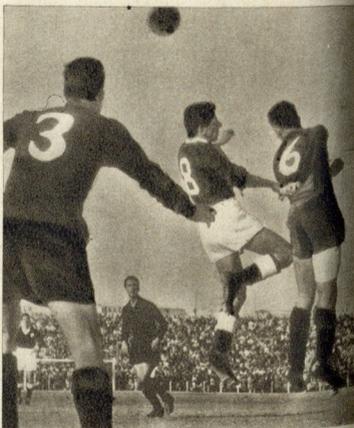
O mais sensacional (pelo inesperado resultado) Benfica-Académica de todos os tempos realizou-se no dia 25 de Junho de 1939, no Estádio das Salésias. Disputava-se a final da «Taça Portugal» estreada nessa altura e frente a frente estiveram:

Benfica — Martins; João Correia e Gustavo Teixeira; Caspar Pinto, Francisco Albino e Francisco Ferreira; Feliciano Barbosa, Rogério de Sousa, Espírito Santo, Alexandre Brito e Alfredo Valadas.

Académica — Tibério; José Maria Antunes e César Machado; A. Portugal, António Faustino e Octaviano; Manuel da Costa, Alberto Gomes, Arnaldo Carneiro, A. Conceição (Nini) e B. Pimenta.

Os estudantes ganharam por 4-3, e marcaram os golos: pela Académica, Arnaldo Carneiro (2), Manuel da Costa (que mais tarde «se passou para o Benfica») e Gomes; pelo Benfica, Rogério (2 e Brito.

À DIREITA: Lutam Palmeiro e Gil — este antigo jogador do Benfica.



A equipa da Académica que venceu o Benfica por 4-3, conquistando a primeira Taça de Portugal

Nessa mesma época, o Benfica ganhara em Lisboa por 4-0, empatando em Coimbra (3-3).

Não se julgue que os «encarnados» se desforraram copiosamente na época seguinte ao seu revés na final da «Taça». Perderam por 5-4 em Coimbra e venceram em Lisboa por 4-1.

Sucessivamente, registaram-se os seguintes resultados, no «Nacional»:

1940-41 — Vitória do Benfica por 3-0, Lisboa e 2-2 em Coimbra.

1941-42 — Vitórias em «casa»: Benfica, 4-1. Académica, 3-1.

1942-43 — Dupla vitória do Benfica por 6-2 e 4-3.

Fora a primeira vez que os «encarnados» venceram no mesmo campeonato da 1.ª Divisão (já o tinham feito na Liga) em Lisboa e em Coimbra. O triunfo na cidade universitária valeu-lhes a conquista do título nacional. Foi esta verdadeiramente a desforra do revés da «Taça» de 1939, até porque se cifrou pelos mesmos números...

A partir de então, os estudantes deixaram de opor tão grande resistência ao Benfica, como se verificará pelos resultados:

1943-44 — Vitórias do Benfica por 2-1 e 4-1.

1944-45 — Idem, por 6-1 e 6-2.

1945-46 — Vitória do Benfica por 7-1 em Lisboa e 3-3 em Coimbra.

(Continua na página seguinte)



Defesa a soco de Costa Pereira.

Arrojada defesa de Ramin aos pés de Arsénio. Nem um nem outro representam já os mesmos clubes...





BENFICA-ACADÉMICA

(CONTINUAÇÃO)



1946-47 — Idem, 4-1 e 3-3.

Repare-se, que esta foi a terceira vez que os «encarnados» empataram em Coimbra por 3-3.

A seguir deu-se o colapso da «Briosa». Não conseguiu evitar a fatídica classificação e na época seguinte surgiu na II Divisão — facto sem paralelo na sua história...

Os «encarnados» contribuíram para esse abaixamento, com duas vitórias contra os estudantes: 3-0 e 6-2.

O retorno à I Divisão, da Académica foi assinalado por um sensacional empate no Campo Grande (1-1). Em Coimbra, o Benfica ganhou de novo por 4-3.

Nos três campeonatos seguintes, a Académica passou um mau bocadito:

1950-51 — Benfica, 3-2 e 3-0.

1951-52 — Benfica, 4-0 e 3-0.

1952-53 — Benfica, 7-2 e 3-1.

Em 1953-54, as coisas não correram bem para o Benfica, que se classificou a onze pontos do campeão, que foi o Sporting... É verdade que também correram mal para a Académica que se classificou em penúltimo lugar e foi forçada a disputar os jogos de passagem. Mas, o certo é que a Académica venceu em Lisboa por 2-1, perdendo pelo mesmo resultado em Coimbra. Em 1954-55, o Benfica teve uma re-

cuperação formidável, ganhando o campeonato em igualdade de pontos com o Belenenses. Resultados elucidativos contra a Académica: 3-1 em «casa» e 7-3 em Coimbra.

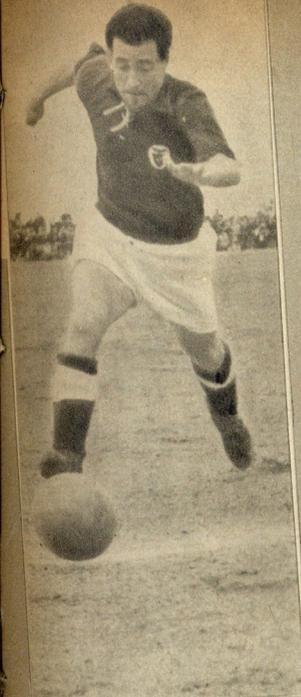
Já em 1955-56, o título «voou» — diz-se — quando o Benfica perdeu em Coimbra por 1-0. Em Lisboa venceram os «encarnados» por 4-0.

E eis-nos chegados ao campeonato da época respectiva. Na primeira volta registou-se um empate sem golos em Coimbra. Na segunda... foi a apoteose. Último jogo de campeonato, decisivo para o Benfica. Não houve novidade — como em 1939...

Os «encarnados» sagraram-se campeões, vencendo a «Briosa», por 2-0. Luta digna. Os estudantes foram os primeiros a felicitar os novos campeões.

*

As capas negras voltam hoje ao Estádio da Luz. Não é de esperar que haja «novidade». O Benfica está com uma equipa relativamente segura, que não é fácil surpreender... Mas com a rapaziada da Académica, com a sua proverbial irreverência, é prudente cautela. Já não seria a primeira vez que a ruidosa falange de apoio da capa e batina festejaria uma «partida» aos «encarnados»...



a história de LEITÃO

— capitão (?) do C. O. L.



CURIOSIDADES

DO SECTOR DA

ARBITRAGEM

Os árbitros da I Divisão que abandonaram a actividade por terem atingido o limite de idade foram:

José Correia da Costa, nascido em 7 de Novembro de 1907 em Vila Nova de Famalicão. É sargento do Exército, tendo acompanhado a selecção militar a França em 1957.

Iniciou-se na arbitragem em 18 de Outubro de 1936.

— Libertino Carlos Domingues, nascido em 26 de Setembro de 1903, na Moita. É escrivão com o curso de guarda-livros.

Fez exame para árbitro em 22 de Novembro de 1941, estreando-se dias depois, internacional em 1952.

— Luís Martins Magalhães, nascido em Lisboa, em 2 de Agosto de 1912. Funcionário municipal com o curso comercial. Foi guarda-redes do Sporting. Estreou-se na arbitragem em 24 de Janeiro de 1939. Fez parte da equipa de Borques Leal.

— Paulo de Oliveira, nascido em 4 de Março de 1909. Empregado da C. P. Estreou-se como árbitro em 8 de Novembro de 1908. Foi nomeado árbitro internacional em 17 de Junho de 1949, mantendo-se sete épocas nessa situação. Arbitrou o Bélgica-Luxemburgo, e Holanda-Egipto militar. Juiz de linha em 7 jogos internacionais, duas presenças na Taça Latina. Dezenas de arbitragens em jogos internacionais entre clubes, finais de juniores e Taça Portugal.

- * Nasceu na rua que tem o seu nome...
- * Colega de escola de Rogério.
- * Jogador sénior do Fósforos aos quinze anos...
- * Uma história de «penalties».
- * Quatro primos numa equipa.
- * A fundação do Oriental.
- * Os convites do Benfica, do F. C. Porto e S. da Covilhã...
- * Colega de «tropa» do benfiquista Calado.
- * Uma multa de 7.500\$00!
- * A mudança de capitão.
- * As maiores alegrias e tristezas.
- * Uma resposta significativa.



Desde os primórdios do Oriental — clube formado há pouco mais de onze anos — que o seu interior direito desperta a atenção da crítica. Numa equipa em que a impetuosidade é, desde sempre, uma característica, a calma e a visão de jogo de António Leitão teria forçosamente que sobressair.

Os clubes grandes «namoraram-no». Podia ter ido para um deles. O Oriental não quis. Ficou. Continuou a ser o mesmo jogador — bom sentido de jogo, correcto e «capitão» cumpridor.

Curiosa a sua história. É ele próprio que no-la conta, em palavras simples, em ar de conversa.

— Começou assim o interrogatório:

— Quando e onde nasceu, Leitão?

— Na casa onde ainda hoje resido — na Rua Capitão Leitão...

— Que coincidência... — observámos.

— É verdade. Mas não foi em minha honra que puseram este nome à rua, posso garantir...

— Rua que foi capaz de ser campo de futebol para muitas jogatanas de miudagem, não?

— Não. Por acaso não era muito de jogar na rua. Era o que se chama um rapaz sossegado. Mas uma vez...

— Que houve?

— Já andava na escola. Na Afonso Domingues. Lá havia três vícios: fumar, tomar banho na praia de Xabregas... e jogar à bola. Eu preferia a bola. Uma vez, estava eu a jogar a guarda-redes numa rua atrás da Fábrica dos Fósforos. Não me apercebi da aproximação dum polícia — e zazi!...

— Foi apanhado...

— Sim, e por uma razão. Já ia a caminho da

esquadra, quando interveio a minha madrinha e o polícia

* * *

— Disse o Leitão que frequentou a Escola Afonso Domingues. Ora, salvo erro, o seu colega Rogério também lá andou...

— É verdade. Mas numa classe mais adiantada, que ele é mais velho do que eu uns quatro anos...

— Mas lembra-se dele?

— Perfeitamente. Ele já era um jogador muito jeitoso e recordo-me que jogava pela nossa escola, contra outras, marcando golos com frequência.

— Foi nessa altura que se sentiu atraído para o futebol?

— Sim, mais ou menos. Com treze anos filiei-me no Colégio Clube...

— Tinha alguma coisa a ver com a Escola Afonso Domingues?

— Não, embora tivesse alguns alunos. Chamava-se assim porque foi criado no Pátio do Colégio, ao Poço do Bispo.

E acrescentou:

— Foi um autêntico «viveiro» do Oriental, pois, além de mim, passaram por lá o Capelo, Morais, Edmundo, Moreira, etc.

* * *

António Leitão prosseguiu assim, a sua narrativa:

— Com quinze anos ingressei na Fábrica Nacional dos Fósforos, onde já meu pai era empregado. E como a Fábrica tinha um Grupo Desportivo cedo comecei a representá-lo em desporto.

— Futebol, claro...

— Não, primeiro fiz parte da equipa de voleibol. Só depois, quando a idade me permitiu, é que ingressei nos juniores de futebol do Fósforos.

E observou:

— Antes disso, porém já eu tinha representado o Fósforos em jogos particulares, numa digressão que a equipa fez ao Norte, tinha eu quinze anos.

— E com essa idade jogou entre os seniores?

— Sim — e não me atrapalhei nada. No Colégio Clube não havia preocupação de idades. Quem tinha unhas é que tocava guitarra...

A nosso pedido, António Leitão pormenorizou a história da sua iniciação futebolística no Fósforos:

— Meu pai resolveu, como prémio do meu aproveitamento escolar, pois trabalhava de dia e estudava de noite, oferecer-me uma viagem na companhia dos fósforos que ia ao Porto fazer uns jogos.



Na equipa do Colégio Clube, junto de Joaquim Correia e Salvador, que mais tarde ingressaram no Oriental.



A linha dianteira do Fósforos (juniores) formada por Leitão, Salvador, Roçado, Eleutério e Morais. Só o primeiro e o último se mantêm no Oriental.

Fui, pois, como acompanhante, sem sonhar que viria a fazer parte da equipa.

E prosseguiu:

— O primeiro jogo foi contra o Salgueiros, no campo do Bessa, e eu não joguei. Alguns jogadores regressaram a Lisboa, ou porque tinham serviço militar ou no emprego. Combinou-se um jogo com a Fábrica dos Fósforos no Porto, e como faltava um jogador, perguntaram-me se eu queria jogar...

— Disse logo que sim...



A primeira entrevista de Leitão para os jornais. É Rosa de Matos que o entrevista para a extinta revista «Stadium», a propósito da sua propalada ida para o Benfica, em cujo campo estão.



Com a noiva (hoje sua esposa) e as irmãs, na Praia das Macãs — precisamente quatro dias antes de fundar o Oriental (Agosto de 1946).

— Claro! Foi boa a estreia, pois ganhámos por 5-2. Depois, jogámos em Espinho, e só joguei uma parte para não abusar do físico. Empatámos por 2-2.

E continuou:

— O último jogo da excursão foi contra o Sporting de Braga, no antigo campo da Ponte. Aquilo é que foi um jogo de arrasar. Houve pedras para dentro do campo e quando eles marcavam os golos, até música se tocava... Perdemos por 4-1, salvo erro...

* * *

— Fale-nos agora do seu ingresso na equipa dos juniores...

— Julguei sonhar quando recebi a primeira convocação. O sr. Mário Marques da Silva, ao tempo dirigente e treinador do Fósforos é que me «puxou» para lá.

— Da estreia, recorda-se?

— Muito bem. Foi nas Salésias. Os juniores belenenses tinham fama de ser muito altos. Nós, pelo contrário, éramos na maioria baixos. Na noite que antecedeu o jogo de estreia até sonhei com as «girafas» de Belém.

E comentou:

— Afinal, empataámos a um golo (o nosso marcado por mim) e toda a gente gabou a nossa equipa.

* * *

Perguntámos depois:

— Recorda-se de mais algum pormenor curioso desse tempo?

— Um muito engraçado. Num jogo com o Operário, beneficiámos de quatro «penalties», mas eu só consegui converter dois, falhando os restantes. Alguns colegas consideraram aquilo uma «azelhice» e disseram que eu não devia mais marcar estes castigos.

Sorrindo, concluiu a narrativa do episódio:

— Sucedeu que num jogo seguinte, contra o Chelas houve necessidade de marcar um «penalty», quando faltavam seis minutos para terminar, e... estávamos empatados a três bolas!

— Ninguém quis marcar...

— Justamente. Uns recusaram e disseram que devia ser eu, outros fizeram-se distraídos, enfim não tive outro remédio se não ir marcar o «penalty». Felizmente que não falhei dessa vez...

(Uma lição, não lhes parece, leitores?!)

* * *

Após breves momentos, Leitão continuou:

— Na época de 1945-46, ainda podia jogar nos juniores, mas o sr. Mário Marques entendia que eu já tinha jogo para a 1.ª categoria. Tive de aguardar uns meses, para me poder inscrever em seniores, mas participando sempre nos treinos destes. Até que o grande dia chegou...

— Que grande dia?

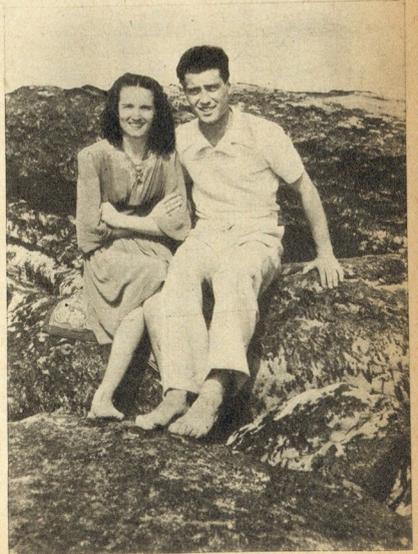
— Bem, para nós, dos Fósforos, foi um grande dia. Tratava-se de um jogo decisivo com o nosso velho rival Marvilense, com vistas ao ingresso na I Divisão da A. F. L.

Continuando, recordou:

— Entrei a substituir um primo, o Armando Banhos, que



Leitão é colecionador de medalhas, fotos — e até de bilhetes de festas de despedida...



atravessava certo abaixamento de forma. Diga-se de passagem que chegámos a jogar quatro primos no Fósforos: eu, Ferrer, Correia Pinto e Armando Banhos. E no Oriental acamaradei com outro: Alfredo. Registámos o curioso pormenor, e anotámos mais o seguinte:

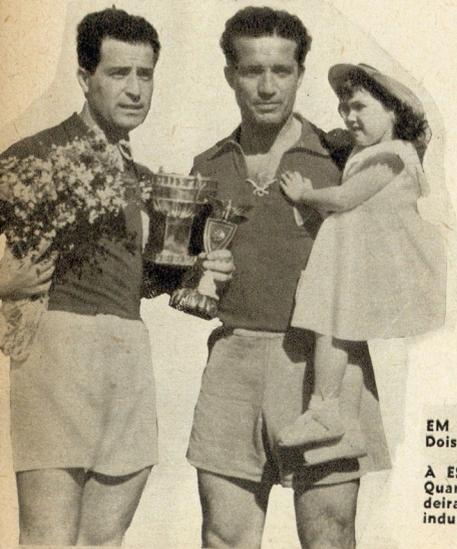
— Foi um jogo memorável, talvez o mais triunfal da minha carreira. O Fósforos venceu por 3-0, mar- quei um golo, e no final andei ao colo dos mais entusiastas, a choramingar de comovido! Bons tempos...

* * *

— Depois fundou-se o Oriental — continuou António Leitão — Tive a satisfação de participar na estreia da equipa, contra o Belenenses, na Salésias. Perdemos por 2-1 mas vendemos cara a derrotada...

— Como é que sendo vocês recentes rivais, ligaram tão bem, a jogar numa única equipa?

— Depressa esquecemos a anterior rivalidade. O Oriental encetou a sua vida no meio do maior entusiasmo popular e todos os jogadores passaram a ter



EM CIMA:
Dois «capitães» do Oriental — Isidoro e o seu sucessor Leitão.

A ESQUERDA:
Quando o Oriental se deslocou à Madeira, os jogadores envergavam esta indumentária: casaco grená, com emblema, e calça azul.



uma só fé: C. O. L., C. O. L., C. O. L.!... Aliás, eu, como outros, inscrevi-me logo como sócio, sendo o n.º 205.

* * *

— O Leitão esteve para ingressar no Benfica, não é verdade? Como se passaram as coisas?

— Tinha uns vinte anos e estava realmente em boa forma. Um dia, um vizinho meu — o sr. José Leonardo, contabilista da Fábrica Luso-Belga, do Poço do Bispo — procurou-me e apresentou-me a proposta: transferir-me para o Benfica com as vantagens inerentes de alinhar num grande clube.

— Que respondeu?

— Bem, eu não resolvi nada sem consultar meu pai. Assim fiz. Autorizou, em princípio, pois não dependia só de nós. Ao Oriental cabia a última palavra...

— Que foi...

— de intransigente recusa. Foi então que começou a fazer carreira a frase: «Não vendemos nem compramos jogadores...»

Sorrisimos dessa veleidade, própria dos verdes anos, pois não passaram muitos anos que o Oriental «vendesse» alguns dos seus melhores atletas (como Eleutério, Alfredo, Pina...) e contratasse estrangeiros.

Só Leitão não pôde dar o salto, porque...

— O assunto foi muito mal tratado, penso eu, agora — distalvez, que deixando de jogar, o Oriental acabaria por aceder ao desejo do Benfica.

E continuou:

— Assim, passei a treinar regularmente no Benfica, auferindo um subsídio mensal de mil escudos, que me foi pago pontualmente durante mais de um ano. A concretizar-se a transferência receberia 35 contos de «luvas». O Oriental teimou, teimou — e lá ficou.

— Lembra-se do tempo de que era semi-jogador do Benfica? Quais os jogadores com que melhor privity? — inquirimos.

— Eu formava asa com Rosário, ao tempo também na berlinda, porque também queria ingressar no Benfica e o Elvas não consentia. Jogávamos pela «reserva», visto que não podíamos jogar oficialmente, e o treino de conjunto vivava essencialmente o «team» principal.

Prosseguiu:

— A camaradagem era excelente e era considerado um jogador da casa. Francisco Ferreira, Jacinto e Arsénio acarinhavam-me bastante. Ia assistir a muitos jogos da equipa, inclusive, fui até Olhão, onde o Benfica ganhou por 3-2, só regressando a casa cerca das 5 da madrugada...



Dois atitudes que se assemelham num jogo Oriental-Portalegrense.



Eis uma equipa de futebol de salão: Cordeiro, Edmundo e Capelo; Leitão, Almeida e Moreira, todos da 1.ª categoria do Oriental.



Nova pausa, «talvez» para recôrdar esses tempos em que era solicitado por todos os lados. Sim, porque não foi só o Benfica a interessar-se pelo interior direito orientalista, como se verificará mais adiante.

— Entretanto, fui cumprir serviço militar — continuou António Leitão — Fiquei aquartelado na Penha de França, no Regimento de Artilharia Anti-aérea fixa. Era então meu camarada de «tropa» o Calado, do Benfica.

— Disputaram campeonatos militares de futebol?

— Não. Apenas de voleibol. Calado era um dos mais destacados jogadores, e também de atletismo, e creio que ganhou até várias medalhas.

* * *

— Como acabou esse caso de tentar transferir-se para o Benfica? — interrogámos, então.

— O caso atingiu um «ponto morto», e eu próprio comecei a abandonar-me. Um dia recebi um convite formal para ir para o F. C. Porto...

— Também?!

— Sim, e não foi só esse. Disse-me um antigo dirigente do Oriental que o Sporting da Covilhã tentou entrar em negociações com base em cem contos... Também vários adeptos do Belenenses me sondaram e de Africa recebi uma vantajosa proposta de emprego num Banco e lugar numa equipa de Lourenço Marques.

— Voltando à proposta do F. C. Porto, porque não aceitou?

— Em primeiro lugar, o meu pai não concordou. Ele tinha tomado um compromisso com o Benfica e por dinheiro nenhum o trairia.

EM CIMA: Num jantar de homenagem, Leitão, «ômo «capitão» do Oriental «botou fala», e agradece as palmas dos circunstantes.

AO CENTRO: Num jogo com o Estoril.

EM BAIXO: Contra o Olhanense, na fase final do campeonato da II Divisão de 1956.

E Leitão pormenorizou:

— A coisa passou-se assim: um amigo meu convidou-me a participar num desafio de beneficência, para o que deveria ir a Almada combinar os pormenores da deslocação. Lá fomos os dois. Chegados a um café, o meu amigo, atirou-me com esta: «Eh! Pá, tu desculpa, mas trouxe-te aqui só porque um delegado do F. C. Porto pretende falar contigo!»

— Foi «bem levado»...

— Pois fui. Surgiu logo o tal delegado que me explicou que em face da intransigência do Oriental em relação ao Benfica, o F. C. Porto estava interessado no meu curso. Respondi-lhe que falaria a meu pai e assim fiz.

Pouco tempo depois, o F. C. Porto deslocou-se ao Barreiro, e cinco dirigentes apareceram-me em casa, dispostos a tratar o assunto de «caras»...

— Mas o seu pai...

— Nem sequer me deixou acompanhá-los ao Barreiro, para assistir só ao desafio do F. C. Porto!

* * *

— Acabei por voltar ao Oriental! — prosseguiu António Leitão — Reapareci contra o Famacão, já cheio de saudades do futebol de campeonato.

— Teve pena de não chegar a conhecer um clube grande?

— Ninguém sabe a sorte que poderia ter, se tivesse ido para o Benfica ou para o F. C. Porto. Podia ter sido mais feliz, ou talvez não...

E acrescentou:

— Fiquei satisfeito por voltar ao Oriental, ao tempo a caminho da I Divisão. Não teria grande razão de queixa, por ter continuado no meu antigo clube, se não fora o inexplicável castigo que me aplicaram a época passada.

— Que castigo?

— Uma multa de 7.500\$00, aplicada pela Direcção cessante, no penúltimo dia da sua saída, sem uma explicação plausível, para mais dizendo que se atendia ao meu bom comportamento anterior para não se levar o caso às entidades superiores...

— Refere-se decerto ao caso de «greve» do final da época passada — observámos.

— Não houve «greve» nenhuma, apenas uma discordância da forma como a Direcção de então nos tratava, além de não cumprir os compromissos. De qualquer modo, nem sequer fui sujeito a inquérito, e apanhei a «talhada» maior.

— O facto de já não ser o «capitão» da equipa relaciona-se com isso?

— Creio que não. Pelo menos não foi essa a explicação que me foi dada.

— Qual foi então?

Leitão pediu-nos escusa de abordar este pormenor da vida interna do seu clube, mas, intrigados, averiguámos que se tratava apenas de meter Rogério (novo «capitão») em brios, quanto à assiduidade aos treinos. Diga-se que Leitão acatou esta ideia com o melhor espírito de compreensão e camaradagem.



Antes de começar o jogo com o Taberns — na digressão do Oriental por terras de Espanha.



O mais importante jogo internacional do C.O.L. — contra o Condal de Barcelona.

Fizemos as últimas perguntas:

— Ao longo da sua carreira, quais foram as melhores tardes e as maiores tristezas?

— Recordo todos os jogos de junior com saudade. Bom tempo em que julgava que jogávamos sempre bem... Mais tarde, tive a estreia auspiciosa na 1.ª categoria dos Fósforos, como já referi; uma vitória no Lima, contra o F. C. Porto, por 6-1, em que fiz talvez o melhor jogo da minha vida; os jogos decisivos em que subimos à I Divisão... Enfim, tenho tido algumas alegrias, de facto.

E prosseguiu:

— ...E também muitas tristezas, a maior, talvez, quando soube da multa que já mencionei, que considero uma injustiça. Outra tristeza bem grande foi quando, tendo voltado ao Oriental, estávamos a um passo de termos campeões da II Divisão, e aquele caso de tentativa de suborno com o Famalicão, ou lá o que foi, nos impediu a entrada na I Divisão. Outra tarde bem triste foi a de Torres Vedras, quando perdemos o jogo de passagem com o V. Setúbal...

— Ainda espera jogar quantas épocas? — inquirimos, a finalizar.

— Até se ter a franqueza de me dizerem que o Oriental já não precisa dos meus serviços! — foi a resposta significativa.

No próximo número:
A HISTÓRIA DE DI PACE
o «maestro» belenense

JOSÉ MARIA GRALHA

Naturalidade e data do nascimento: Lisboa, em 1900 (?).

Clubes representados: 1914-18 — Casa Pia; 1919-20 — Benfica; 1920-28 — Casa Pia.

Estreia internacional e único jogo: Contra a Espanha, em 18 de Dezembro de 1921.

VÍTOR CÂNDIDO GONÇALVES

Naturalidade e data do nascimento: Lisboa, 12 de Abril de 1896.

Clubes representados: 1912-14 — Casa Pia; 1914-29 — Benfica.

Estreia internacional: Contra a Espanha, em 18 de Dezembro de 1921.

Internacionalizações: 2. Contra a Espanha.

ALBERTO JOÃO AUGUSTO

Naturalidade e data do nascimento: Lisboa, 31 de Julho de 1898.

Clubes representados: 1917-18 a 1923-24 — Benfica. Posteriormente, jogou ou treinou (não existe registo na F. P. F.) no Sporting Braga, V. Guimarães, Académico do Porto, Fafe, D. Aves, Gil Vicente, Vizela F. C., Fábrica CUCA, F. C. Porto, Oriental, Leões de Santarém, etc.

Estreia internacional: Contra a Espanha, em Madrid, em 18 de Dezembro de 1921, tendo marcado o primeiro golo da selecção portuguesa, de grande penalidade.

Internacionalizações: 4. Contra a Espanha, 3; e Checoslováquia.

ANTÓNIO AUGUSTO LOPES

Naturalidade e data do nascimento: Cardiães (Bragança), 15 de Setembro de 1901.

Clubes representados: 1916-33 — Casa Pia (não jogou oficialmente em 1918-19 e 1931-32).

Estreia internacional e único jogo: Contra a Espanha, em 18 de Dezembro de 1921.



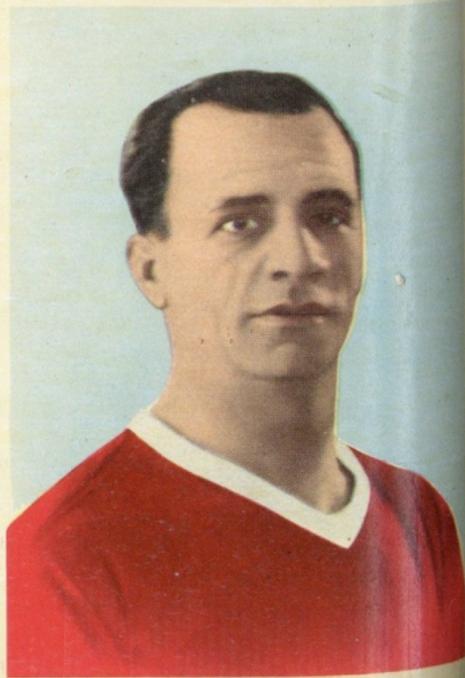
VITOR GONÇALVES



J. M. GRALHA



A. A. LOPES



ALBERTO AUGUSTO